

Uso de medicamentos psicotrópicos por profissionais de enfermagem atuantes em uma unidade de urgência e emergência

Use of psychotropic medications by nursing professionals who work in an urgency and emergency unit

Maria Paula Bernardo dos Santos^{1*}, Neuza Alves Bonifácio¹, Hernandez Anacleto Pereira¹, Julia Garcia Neves¹, Larissa Brazolotto Ferreira¹, Lucas Satto de Lima¹, Aparecida de Fatima Michelin¹

RESUMO

Este estudo objetivou investigar o uso de medicamentos psicotrópicos e os fatores relacionados de uma equipe de enfermagem atuante em uma Unidade de Pronto Socorro Municipal, localizada no interior de São Paulo. Tratou-se de uma pesquisa de campo, de caráter exploratório, com delineamento transversal e com análise quantitativa descritiva dos dados. Foram entrevistados 56 profissionais de enfermagem, incluindo os auxiliares, técnicos e enfermeiros. Dentre esses, 28,6% relataram a utilização de medicamentos psicotrópicos, especialmente as mulheres, os casados e aqueles que possuem maior carga horária semanal de trabalho. As principais motivações para o consumo foram estresse, ansiedade e insônia. Conclui-se que a enfermagem é uma profissão que enfrenta diariamente situações de estresse, principalmente no setor de urgência e emergência, a qual pode ocasionar desgastes físicos e psíquicos, potencializando o uso de fármacos psicotrópicos para alívio do sofrimento.

Palavras-chave: Estresse; Profissionais de Enfermagem; Psicotrópicos; Saúde Mental.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the use of psychotropic medications and related factors of a nursing team working in a Municipal Emergency Room, located in the countryside of São Paulo. This was a field research of exploratory nature, with a cross-sectional design and quantitative descriptive data analysis. Fifty-six nursing professionals were interviewed, including assistants, technicians and nurses. Among these, 28.6% reported the use of psychotropic drugs, especially women, married people, and those who have a longer weekly workload. The main motivations for the consumption were stress, anxiety, and insomnia. It is concluded that nursing is a profession that faces daily stressful situations, especially in the urgency and emergency sector, which can cause physical and psychological stress, increasing the use of psychotropic drugs for the relief of suffering.

Keywords: Stress; Nursing Professionals; Psychotropics; Mental Health.

¹Universidade Paulista

*E-mail: mariapaulabernado@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os medicamentos psicotrópicos ou psicofármacos são substâncias que atuam diretamente no sistema nervoso central (SNC) a fim de produzir mudanças comportamentais, de humor, nos sentimentos e no estado de consciência. Dentre eles destacam-se os ansiolíticos, antidepressivos, sedativos, hipnóticos e antipsicóticos (OMS, 2002). Os antidepressivos e os ansiolíticos são os mais utilizados pela população mundial. Anteriormente, tal posição foi ocupada pelos benzodiazepínicos (NOIA *et al.*, 2012; MACIEL *et al.*, 2017).

Os antidepressivos são os fármacos que elevam o humor atuando no controle de neurotransmissores do sistema nervoso central e estão classificados como Inibidores da Monoaminoxidase (IMAO), Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS), Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina e Noradrenalina (ISRSN), Inibidores Seletivos da Recaptação de Dopamina (ISRD) e Tricíclicos (CAMELO; DINELLY; OLIVEIRA, 2017; ERIN e LINARTEVICH, 2019).

Já o grupo de ansiolíticos consiste em medicamentos utilizados a fim de reduzir a ansiedade e a tensão, isto é, agem com o efeito calmante e de relaxamento muscular. Sua ação é ativada em diferentes regiões do cérebro, responsáveis pelo estado de alerta. Os mais utilizados são os benzodiazepínicos, sendo estes, depressores do sistema nervoso central (SNC). Além do tratamento da ansiedade, os benzodiazepínicos também são usados para tratar a insônia e neste caso recebem o nome de fármacos hipnóticos-sedativos (AZEVEDO; ARAÚJO; FERREIRA, FIRMINO *et al.*, 2011; ARAÚJO *et al.*, 2012; BARBOZA e SILVA, 2012).

Por se tratar de medicamentos cujo uso pode gerar diversos efeitos adversos, como a dependência física ou psíquica, a Secretaria de Vigilância Sanitária, através da Portaria nº 344/1998, passou a controlar a dispensação dessas substâncias psicotrópicas, determinando a obrigatoriedade de apresentação de receituário médico (GRASSI e CASTRO, 2014; PELEGRINI, 2003; DE MOURA *et al.*, 2016).

Apesar da obrigatoriedade da apresentação da receita médica para a obtenção de psicofármacos, a automedicação apresenta-se como um grave problema de saúde pública. Também é preocupante as excessivas prescrições médicas, com destaque para os antidepressivos e ansiolíticos que contribuem para as altas taxas de consumo desses medicamentos pela população e levantam questionamentos acerca da real necessidade de utilização (PELEGRINI, 2003; DE MOURA *et al.*, 2016).

O constante uso dessas medicações pode ser explicado pela alta prevalência de perturbações mentais comuns na população, como os transtornos mentais e comportamentais (TMC), que se encontra entre as Doenças Crônicas não transmissíveis (DCNT) que mais ocasionam incapacidade e deterioram a qualidade de vida do ser humano (RODRIGUES *et al.*, 2020).

Os profissionais de saúde, principalmente os de enfermagem, são os mais propensos a desenvolverem os TMC por se envolverem diariamente em situações que acarretam estresse, relacionados à grande carga de trabalho, desgastes físicos e psíquicos, além de cobranças excessivas em sua rotina de trabalho. Em decorrência desse trabalho estressante, essas pessoas são propensas a utilizarem psicofármacos (MACIEL *et al.*, 2017; SCHMOELLER *et al.*, 2011; VIEIRA *et al.*, 2016).

Vale ressaltar que em unidades de saúde com pacientes gravemente enfermos ou instáveis, como na Unidade de Urgência e Emergência, os trabalhadores convivem diariamente com a dor do outro e a morte, que são vivências potencialmente estressoras (FILHO; ARAUJO, 2015, TRETTENE *et al.*, 2016; SOUSA; ARAUJO, 2015).

Devido a tais aspectos, tem sido comum encontrar estes profissionais passando por um processo de adoecimento mental, com um crescente número nos casos de depressão, síndromes variadas de ansiedade, insônia, comportamento suicida, síndrome de Burnout, surtos psicóticos, além de uso excessivo de álcool e outras drogas (ESPERIDIAO; SAIDEL; RODRIGUES, 2020; SCHNEIDER; AZAMBUJA, 2015).

Outro ponto a evidenciar é a automedicação dentre estes profissionais que buscam o uso de psicofármacos como a primeira opção para restabelecer o equilíbrio mental. Tal procedimento se torna um meio de mascarar a doença que se instala aos poucos, dificultando o diagnóstico e o tratamento mais adequado. Cabe lembrar que o profissional de enfermagem possui fácil acesso aos medicamentos psicotrópicos e acabam se automedicando e definindo a dosagem do fármaco conforme seus próprios critérios (GRASSI; CASTRO, 2014; VIEIRA *et al.*, 2016; COSTA, 2019).

Por fim, percebe-se que as situações críticas geradas pela COVID-19 levaram e ainda podem levar esses profissionais a um confronto com seus recursos psicológicos, que por consequência, geram um alto nível de estresse, o que propicia o aumento no consumo dos psicofármacos (SILVA; DOS SANTOS; DE OLIVEIRA, 2020; BARBOSA *et al.*, 2020; TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Dessa forma, o presente estudo objetivou investigar a ocorrência do uso dos medicamentos psicotrópicos e os fatores relacionados em uma equipe de enfermagem atuante em uma Unidade de Urgência e Emergência, localizada na cidade de Araçatuba-SP.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de campo, de caráter exploratório, com delineamento transversal, com análise quantitativa descritiva dos dados.

Para tanto, 56 profissionais de enfermagem, dentre eles, Auxiliares de enfermagem (AE), Técnicos de Enfermagem (TC), e Enfermeiros (E), de ambos os sexos, que atuavam no Pronto Socorro Municipal de Araçatuba, Estado de São Paulo, uma unidade de saúde direcionada para atendimentos de urgência e emergência à população, em período integral (24horas/dia).

Foram adotados como critérios de inclusão os profissionais de enfermagem, que se enquadravam nas seguintes variáveis: fazer parte do quadro de funcionários da Unidade de Pronto Socorro; estar presente no dia da coleta de dados; aceitar participar da pesquisa a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Foram excluídos da pesquisa: os profissionais de enfermagem que estavam afastados do trabalho por férias ou licença de qualquer natureza, durante o período de coleta de dados e aqueles que não aceitarem participar da pesquisa.

A coleta de dados ocorreu após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, parecer nº 4.936.209 e aprovação pelo sujeito da pesquisa por meio da anuência no Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Foi utilizado um instrumento em forma de questionário elaborado pelos pesquisadores com base na literatura atual sobre o tema, abordando dados socioeconômicos, tais como: idade, grau de escolaridade, estado civil, renda familiar, além de questões como categoria profissional, carga horária de trabalho, vínculos empregatícios, e informações acerca do uso de medicamentos: frequência do uso e fatores associados, automedicação e fármacos mais utilizados.

A análise dos dados foi realizada por meio do programa Microsoft *Excel* 2007 e as variáveis do estudo foram apresentadas por meio da estatística descritiva evidenciando a

distribuição relativa (%) e absoluta (n) dos dados e posteriormente apresentada na forma de gráficos e tabelas.

RESULTADOS

Dentreos 56 profissionais que responderam ao questionário, 73,2% eram mulheres, cuja faixa etária predominante foi de 31 a 50 anos (67,9%) e 55,4% dos profissionais eram casados (as) (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados demográficos dos profissionais de enfermagem atuantes no Pronto Socorro Municipal.

Dados sociodemográficos		N	%
Gênero			
	Homens	15	26,8
	Mulheres	41	73,2
Idade			
	18 a 30 anos	7	12,5
	31 a 50 anos	38	67,9
	50 anos ou mais	11	19,6
Estado civil			
	Solteiro (a)	14	25,0
	Casado (a)	31	55,4
	Divorciado (a)	10	17,9
	Viúvo (a)	1	1,8
Renda bruta mensal			
	Até 2 salários mínimos	31	55,4
	Até 4 salários mínimos	19	33,9
	Maior que 4 salários mínimos	6	10,7

Fonte: Autores.

Entre esses respondentes, 69,6% exercem a função de técnico de enfermagem, 23,2% são enfermeiros e apenas 7,1% auxiliares de enfermagem, cuja faixa de renda bruta mensal prevaleceu a de até dois salários mínimos (55,4%). Desta equipe de funcionários, 51,8% desempenham suas funções em pelo menos duas unidades de saúde, sendo que dentre todos, 42,9% trabalham entre 31 e 60 horas semanais, 33,9% trabalham mais que 60 horas semanais e 23,2% trabalham até 30 horas semanais (Tabela 2).

Tabela2 – Distribuição dos profissionais de enfermagem atuantes no Pronto Socorro Municipal.

Dados empregatícios	N	%
Qual categoria profissional atua		
Auxiliar de enfermagem	4	7,1
Técnico de enfermagem	39	69,6
Enfermeiro	13	23,2
Carga horária semanal de trabalho		
Até 30 horas	13	23,2
Entre 31 a 60 horas	24	42,9
Maior que 60 horas	19	33,9
Tem outro vínculo empregatício		
Sim	29	51,8
Não	27	48,2

Fonte: Autores.

No que se refere ao uso de medicamentos psicotrópicos, 28,6% dos participantes fazem uso de algum tipo, sendo que 43,8% usam medicamentos entre 1 a 6 meses; 18,8% usam de 7 a 12 meses; 12,5% usam entre 1 e 2 anos; 6,3% entre 3 e 5 anos e 18,8% fazem uso a mais de 6 anos. Cabe ressaltar que a maioria dos usuários dos psicofármacos foram as mulheres (75%), os profissionais casados (56%), os que possuíam a menor renda bruta mensal (75%) e os que tinham a maior carga horária de trabalho (87,5%) e 62,6% das pessoas iniciaram o tratamento com medicamentos psicotrópicos durante a pandemia da COVID-19 (Tabela 3).

A classe de enfermagem que mais fazem uso dos medicamentos psicotrópicos foram os técnicos de enfermagem (62,5%), seguidos pelos enfermeiros (25%) e auxiliares de enfermagem (12,5%).

Após o início do tratamento, 68,8% afirmam nunca terem aumentado a dose do medicamento sem consultar o médico; 25,0% dizem que as vezes aumentam a dose por conta própria e 6,3% dizem que sempre aumentam a dose. Quanto ao início espontâneo e sem supervisão médica de um tratamento com psicotrópicos, 31,3% já iniciaram tratamento sem a recomendação médica (Tabela 3).

Tabela3 - Uso e posologia de medicamentos psicotrópicos pelos profissionais de enfermagem atuantes no Pronto Socorro Municipal.

Dados sobre medicamentos	N	%
Já fez ou faz uso de psicofármacos		
Sim	16	28,6
Não	40	71,4
Qual o tempo de uso		
Entre 1 a 6 meses	7	43,8
7 a 12 meses	3	18,8
1 a 2 anos	2	12,5
3 a 5 anos	1	6,3
Mais que 6 anos	3	18,8
Já aumentou a dose sem consultar o médico		
Sempre	1	6,3
Nunca	11	68,8
Às vezes	4	25,0
Já iniciou o tratamento sem consultar o médico		
Sim	5	31,3
Não	11	68,8

Fonte: Autores.

Destes profissionais, 31,3% declaram terem sentimento de dependência dos medicamentos psicotrópicos. A totalidade dos entrevistados alegam conhecer os riscos da utilização dos fármacos e 62,5% declaram que o seu trabalho influencia no uso de medicamentos psicotrópicos (Tabela 4).

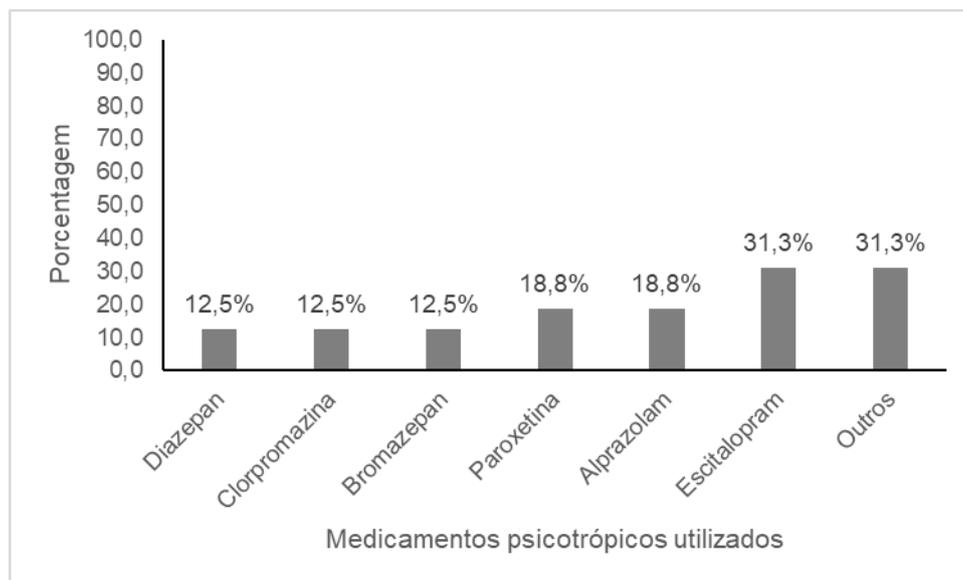
Tabela 4 – Informações pessoais sobre utilização dos medicamentos psicotrópicos pelos profissionais de enfermagem atuantes no Pronto Socorro Municipal.

Dados sobre a utilização dos medicamentos		
	N	%
Têm sentimento de dependência do medicamento		
Sim	5	31,3
Não	11	68,8
Conhece os riscos da utilização desses medicamentos		
Sim	16	100,0
Não	0	0,0
O seu trabalho influencia no uso desses medicamentos		
Sim	10	62,5
Não	6	37,5

Fonte: Autores.

Dentre os psicofármacos utilizados obteve-se que 12,5% tomam Diazepan; 12,5% Clorpromazina; 12,5% Bromazepan; 18,8% Paroxetina; 18,8% Alprazolam; 31,3% Escitalopram e 31,3% declaram tomar outros medicamentos, entre eles Zolpidem, Desvenlafaxina, Fluoxetina e Clonazepam. Alguns dos profissionais relataram utilizar um ou mais dos medicamentos associados (Figura 1).

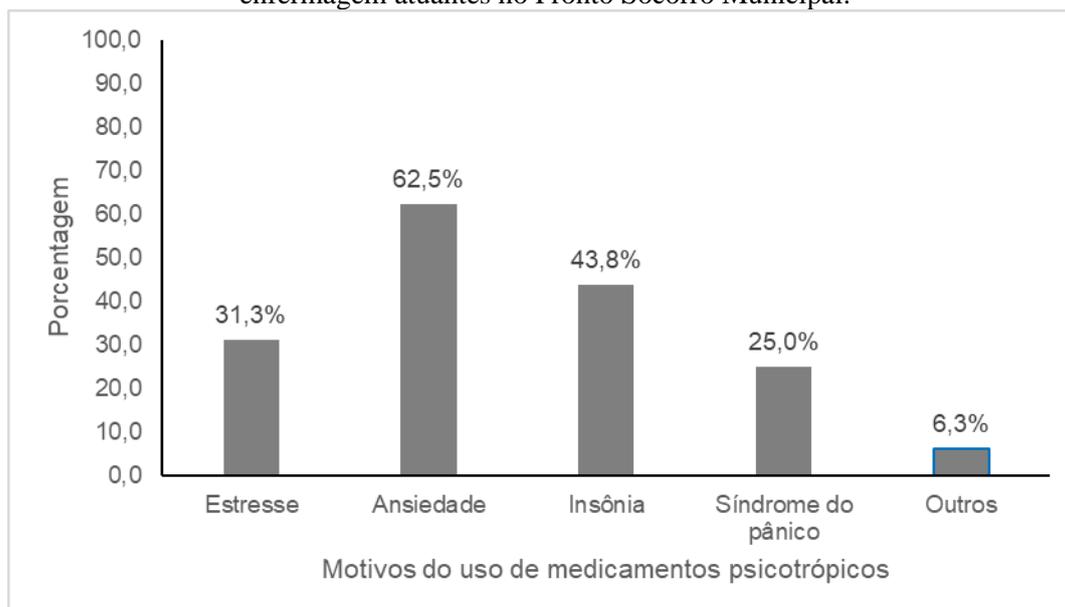
Figura 1 - Medicamentos utilizados pelos profissionais de enfermagem atuantes no Pronto Socorro Municipal.



Fonte: Autores.

O principal motivo para o uso desses fármacos é a ansiedade (62,5%), seguido da insônia (43,8%), estresse (31,3%), síndrome do pânico (25,0%) e outros (6,3%); alguns relatam mais de uma motivação. Dentre todos os profissionais, ninguém informou fazer uso de medicamentos psicotrópicos devido a depressão (Figura 2).

Figura 2 - Motivos da utilização dos medicamentos psicotrópicos pelos profissionais de enfermagem atuantes no Pronto Socorro Municipal.



Fonte: Autores.

DISCUSSÃO

No Pronto Socorro Municipal, a maioria dos profissionais de enfermagem são mulheres (73%), confirmando que essa profissão é culturalmente feminina (DILÉLIO *et al.*, 2012; VERSA *et al.*, 2012). De forma preocupante, elas são a maioria (75%) dentre os usuários dos medicamentos psicotrópicos o que pode estar associados aos fatores externos propiciadores ao agravamento da saúde mental neste público, uma vez que mesmo após a inserção no mercado de trabalho, as mulheres ainda são as principais gestoras de outras responsabilidades, como cuidados domésticos e educação dos filhos (RABASQUINHO; PEREIRA, 2007; DE ARAÚJO; PINHO; ALMEIDA, 2005). Em relação à faixa etária, a prevalência no uso dos psicofármacos foi de 31 a 50 anos, sinalizando que também entre esses profissionais de enfermagem a presença de transtornos mentais e comportamentais pode estar aumentando conforme a idade na população em geral (DILÉLIO *et al.*, 2012; BERTUSSI *et al.*, 2018). Ainda, parece que os profissionais de enfermagem casados são os mais propícios ao uso desses medicamentos (56,3%). As pessoas casadas costumam apresentar maiores níveis de estresse, já estão inseridos em sua vida preocupações inerentes à família e responsabilidades do lar, além de questões financeiras a qual podem gerar conflitos (SADIR; BIGNOTTO; LIPP, 2010).

A renda mensal de no máximo dois salários mínimos (75%) podem também contribuir para as condições estressantes apresentadas. Os profissionais com salários mais baixos estão frequentemente associados aos aspectos socioeconômicos, correlacionando a baixa renda como fator de risco para o adoecimento psíquico (SADIR; BIGNOTTO; LIPP, 2010; DIMENSTEIN *et al.*, 2017). Do total dos profissionais de enfermagem que utilizam os psicofármacos, a maioria trabalha mais de 30 horas semanais (87,5%), destacando dos demais fatores estressantes já apresentados, a sobrecarga de trabalho também é um causador do estresse. Longas jornadas de trabalho, más condições laborais, pouca autonomia, muita responsabilidade e baixa valorização, levam a grande demanda física e emocional, contribuindo para a perda parcial ou total das capacidades psíquicas e emocionais (GOUVEIA, 2021; OLIVEIRA; SILVA.; LIMA, 2018).

Os profissionais de enfermagem que mais relataram o uso dos medicamentos psicotrópicos foram os técnicos de enfermagem, seguidos pelos enfermeiros e auxiliares de enfermagem, respectivamente. Isto se dá, pois, na unidade de urgência e emergência,

os técnicos de enfermagem são a maior parte da equipe dos profissionais, já que apresenta menor custo para a instituição quando comparado aos Enfermeiros (SCHMOELLER *et al.*, 2011).

Em relação ao estímulo do uso dessas medicações, a ansiedade foi a principal causa entre o público alvo, seguida, em ordem decrescente pela insônia, estresse transtorno do pânico. A ansiedade é um estado psíquico-emocional que leva a uma desordem no sistema fisiológico, emocionalmente e espiritualmente, e quando está em nível elevado podem levar a baixa autoestima e aparecimento de outros transtornos psicológicos, podendo levar à incapacidade do trabalhador (VIEIRA *et al.*, 2016).

Possivelmente, tais motivações foram agravadas com a crise saúde pública decorrente da COVID-19 já que pelo menos 62,6% iniciaram o uso das medicações durante a pandemia que trouxe um crescimento de problemas psíquicos nos profissionais da saúde, relacionados principalmente ao constante medo de adoecer e de infectar seus familiares e amigos, altas cargas de trabalho, a falta de recursos humanos e de materiais, além da dor vivenciada devido a perda de pacientes e de seus próprios companheiros de trabalho (MEDEIROS, 2020; FARO *et al.*, 2020; PRADO *et al.*, 2020; SCHMIDT;DANTAS; MARZIALE, 2011).

Outros fatores relacionados às atividades pertinentes ao próprio ambiente de trabalho também podem contribuir para o uso dos medicamentos psicotrópicos pelos profissionais de enfermagem que atuam em unidade de urgência e emergência, já que 62,5 % afirmam que seu trabalho influencia em tal uso. Vale ressaltar que os profissionais que atuam nesta área vivenciam constantemente situações estressoras, como óbitos, sobrecarga de trabalho, superlotação de pacientes, além de lidar diretamente com pacientes gravemente instáveis e com risco eminente de morte (TRETTENE *et al.*, 2016; SCHMIDT; DANTAS; MARZIALE, 2011).

Os benzodiazepínicos foram os medicamentos com propriedades ansiolíticas mais utilizados pelos profissionais de enfermagem, seguida por antidepressivos, sedativos e indutores do sono. O ambiente laboral exerce grande influência sobre o adoecimento mental e sofrimento psíquico, mesmo que de maneira indireta, porém, o uso de psicotrópicos por profissionais de enfermagem não pode ser justificado com essa sendo a única causa, pois a busca por essas medicações se trata de uma situação problema multidimensional e multifatorial, onde também deve ser levado em consideração a situação socioeconômica e sociodemográfica (RIBEIRO *et al.*, 2020).

Este estudo demonstrou que a utilização dos medicamentos psicotrópicos está elevada, quando comparado a outros estudos já realizados sobre a mesma temática (SCHNEIDER; AZAMBUJA, 2015; BLAY *et al.*, 2014). Um estudo, realizado sobre o uso de drogas psicoativas entre a população de adultos e idosos em geral, apresentou a taxa de prevalência de 6,8%, principalmente por mulheres (PRADO; FRANCISCO; BARROS, 2017). Outro estudo apontou a taxa do uso de psicotrópicos observada na população adulta e idosa brasileira de 8,7%, demonstrando que a prevalência do uso dos medicamentos psicotrópicos por profissionais de enfermagem apresentada nesta pesquisa é relativamente alta ao comparar com a população geral (RODRIGUES *et al.*, 2020). Todavia, pode-se pensar que a prevalência possa ainda ser maior, já que não é raro haver discriminação contra indivíduos que usam medicamentos psicoativos, levando as pessoas negarem que os utilizam, temendo ser penalizada (SCHNEIDER; AZAMBUJA, 2015).

Nesse contexto, a enfermagem é uma carreira que enfrenta diariamente situações de estresse, principalmente na urgência e emergência, a qual pode levar a desgastes físicos e psíquicos, potencializando o uso de medicações psicotrópicas para alívio do sofrimento.

CONCLUSÃO

Verificou-se que existe um número considerável de profissionais de enfermagem atuantes em atendimento de urgência e emergência que faz uso de medicamentos psicotrópicos, justificado pelo estresse, insônia e ansiedade, possivelmente gerados por condições socioeconômicas, como também pela sobrecarga de trabalho, especialmente pela carga horária exercida no cumprimento da atividade profissional em mais de um posto de trabalho. Por fim, a pandemia da COVID-19 tem sido um agravante para a situação já vivenciada por esses profissionais de enfermagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. L. C. *et al.* Distribuição de antidepressivos e benzodiazepínicos na estratégia de saúde da família de Sobral-CE. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 11, n. 1, 2012.

AZEVEDO, A. J. P; ARAÚJO, A. A; FERREIRA, M. A. F. Consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos: uma correlação entre dados do SNGPC e indicadores

sociodemográficos nas capitais brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 83-90, 2016.

BARBOSA, D. J. *et al.* Fatores de estresse nos profissionais de enfermagem no combate à pandemia da COVID-19: **Síntese de Evidências. Comun. ciênc. saúde**, 2020.

BARBOZA, P. S.; SILVA, D. A. Medicamentos antidepressivos e antipsicóticos prescritos no centro de atenção psicossocial (CAPS) do município de Porciúncula–RJ. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v. 3, n. 1, p. 85-97, 2012.

BERTUSSI, V. C. *et al.* Substâncias psicoativas e saúde mental em profissionais de enfermagem da Estratégia Saúde da Família. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 20, 2018.

BLAY, S. L. *et al.* Fatores associados ao uso de antidepressivos, ansiolíticos e outros medicamentos psicotrópicos no tratamento de sintomas psiquiátricos na cidade de São Paulo, **Brasil. IntClinPsychopharmacol**, v. 29, n 3, p157-165, 2014.

CAMELO, A. E. M.; DINELLY, C. M. N.; OLIVEIRA, M. A. S. Psicotrópicos: perfil de prescrições de benzodiazepínicos, antidepressivos e anorexígenos a partir de umarevisãosistemática. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 13, n. 3, p. 111-122, 2016.

COSTA, M. S. S. Uso de psicoativos pelos profissionais enfermeiros. 2019.

DE ARAÚJO, T. M.; PINHO, P. S.; ALMEIDA, M. M. G. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 5, p. 337-348, 2005.

DE MOURA, D. C. N. *et al.* Uso abusivo de psicotrópicos pela demanda da estratégia saúde da família: revisão integrativa da literatura. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 15, n. 2, 2016.

DILÉLIO, A. S. *et al.* Prevalência de transtornos psiquiátricos menores em trabalhadores da atenção primária à saúde das regiões Sul e Nordeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, p. 503-514, 2012.

DIMENSTEIN, M. *et al.* Determinação social da saúde mental: contribuições à psicologia no cuidado territorial. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 69, n. 2, p. 72-87, 2017.

ESPERIDIAO, E.; SAIDEL, M.G.B.; RODRIGUES, J. Saúde mental: foco nos profissionais de saúde. **Rev. bras. enferm.**, v. 73, supl. 1. 2020

FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020

FILHO, A.M.; ARAUJO, T.M. Estresse ocupacional e saúde mental dos profissionais do centro de especialidades médicas de Aracaju. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 13, p. 177-199, 2015.

FIRMINO, K. F. *et al.* Fatores associados ao uso de benzodiazepínicos no serviço municipal de saúde da cidade de Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, p. 1223-1232, 2011.

GOUVEIA, T. M. Enfermeiros sofrem com carga horária de trabalho extensa. **Coren**. 2014. Disponível em:<http://www.coren-pi.com.br/enfermeiros-sofrem-com-carga-horaria-de-trabalho-extensa_2318>. Acesso em: 05 nov. 2021.

GRASSI, L. T.; CASTRO, J. E. S. Estudo do consumo de medicamentos psicotrópicos no município de Alto Araguaia–MT. **Faculdade do Pantanal–FAPAN**, Ed. 3, 2014

MACIEL, P.G. *et al.* Uso de medicamentos psicoativos entre profissionais de saúde. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v.11, n.7, 2017.

MEDEIROS, E. A. S. A luta dos profissionais de saúde no enfrentamento da COVID-19. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, 2020.

NOIA, A. S. *et al.* Fatores associados ao uso de psicotrópicos por idosos residentes no Município de São Paulo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, p. 38-43, 2012.

OLIVEIRA, B. L. C. A.; SILVA, A. M.; LIMA, S.F. Carga semanal de trabalho para enfermeiros no Brasil: desafios ao exercício da profissão. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, p. 1221-1236, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório mundial sobre Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Lisboa, 2002.

PELEGRINI, M. R. F. O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 23, n. 1, p. 38-41, 2003.

PERIN, L. F; LINARTEVICH, V. F. Uso de antidepressivos no município de Capitão Leônidas Marques–PR. **FAG JOURNAL OF HEALTH (FJH)**, v. 1, n. 4, p. 44-48, 2019.

PRADO, A. D. *et al.* A saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia do COVID-19: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 46, p. e4128-e4128, 2020.

PRADO, M. A. M. B; FRANCISCO, P. M. S. B.; BARROS, M. B. A. Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional. **Epidemiologia e serviços de saúde**, v. 26, p. 747-758, 2017.

RABASQUINHO, C; PEREIRA, H. M. Género e saúde mental: Uma abordagem epidemiológica. **Análise Psicológica**, p. 439-454, 2007.

RIBEIRO, I. A. P.*et al.* Consumo de substâncias psicoativas por trabalhadores de enfermagem: uma revisão integrativa. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 29, 2020.

RODRIGUES, P. S. *et al.* Uso e fontes de obtenção de psicotrópicos em adultos e idosos brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2020, v. 25, n. 11, p. 4601-4614, 2020.

SADIR, M. A; BIGNOTTO, M. A; LIPP, M. E. N. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 20, p. 73-81, 2010.

SCHMIDT, D. R. C; DANTAS, R. A. S; MARZIALE, M. H. P. Ansiedade e depressão entre profissionais de enfermagem que atuam em blocos cirúrgicos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, p. 487-493, 2011.

SCHMOELLER, R.*et al.* Cargas de trabalho e condições de trabalho da enfermagem: revisão integrativa. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre 2011.

SCHNEIDER, A. P H.; AZAMBUJA, P. G. Uso de fármacos psicotrópicos por profissionais da saúde atuantes da área hospitalar. **Infarma**, v. 27, n. 1, p. 14-21, 2015

SILVA, H. G. N.; DOS SANTOS, L. E. S.; DE OLIVEIRA, A. K. S. Efeitos da pandemia do novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades/Effectsofthe new Coronaviruspandemiconthemental healthofindividualsandcommunities. **Journalofnursingandhealth**, v. 10, n. 4, 2020.

SOUSA, V.F.S.; ARAUJO, C.C.F. Estresse Ocupacional e Resiliência Entre Profissionais de Saúde. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 35, n. 3, p. 900-915, 2015.

TEIXEIRA, C. F. D. S.*et al.* A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n.9 p. 3465-3474, 2020.

TRETTENE, A. S. *et al.* Estresse em profissionais de enfermagem atuantes em Unidades de Pronto Atendimento. **Boletim-Academia Paulista de Psicologia**, v. 36, n. 91, pág. 243-261, 2016.

VERSA, G. L. G. S. *et al.* Estresse ocupacional: avaliação de enfermeiros intensivistas que atuam no período noturno. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, p. 78-85, 2012.

VIEIRA, G. C. G.*et al.* Uso de psicotrópicos pelo enfermeiro: sua relação com o trabalho. **Cinergis, Santa Cruz do Sul**, v. 17, n. 3, set. 2016.

Recebido em: 01/12/2022

Aprovado em: 21/12/2022

Publicado em: 06/02/2023